

Dezembro/84

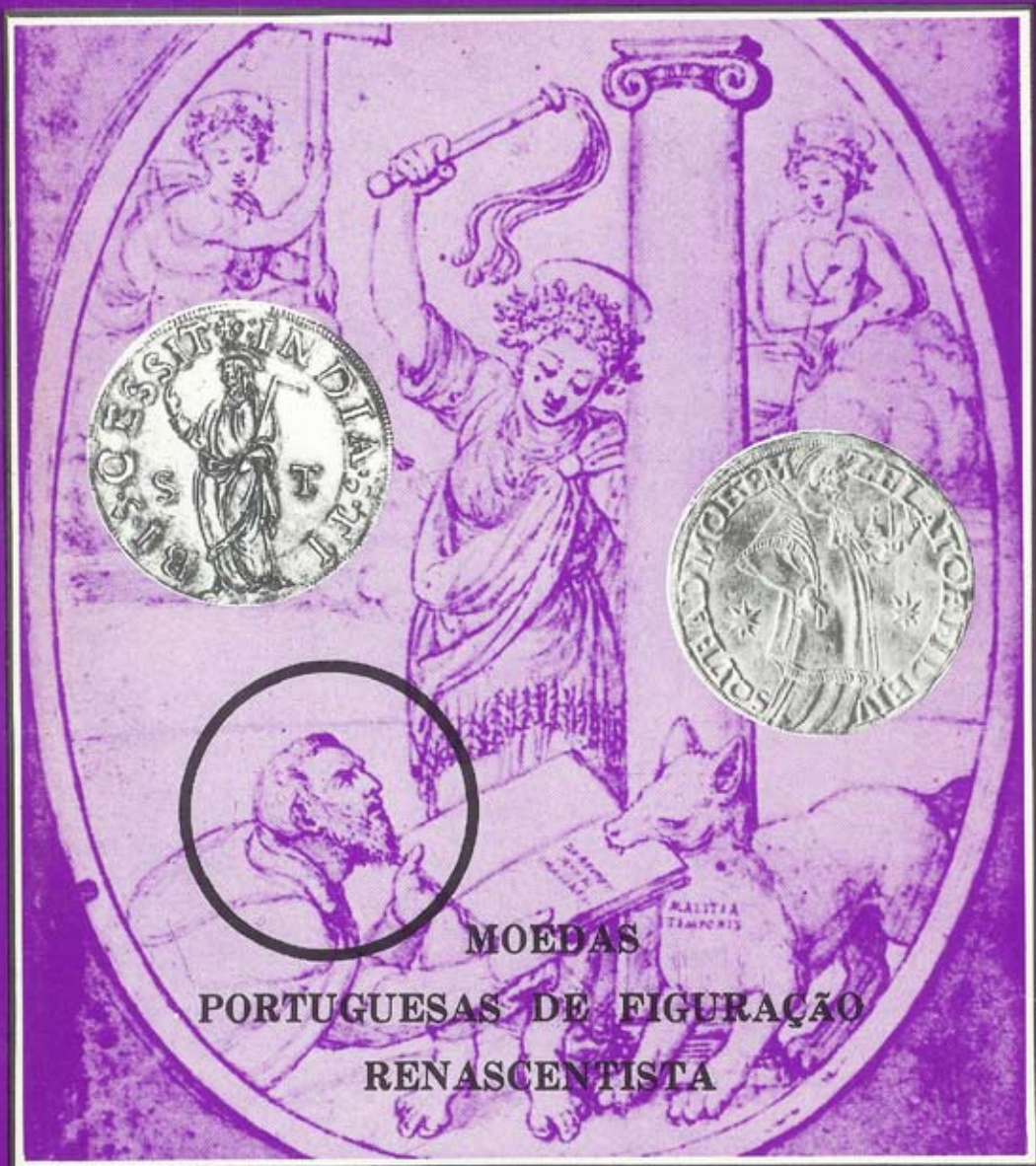
revista **MOEDA**



# MOEDA

PORTUGAL  
PAGO

• Publicação bimensal • Vol. IX • n.º 6 • Dezembro/84 • Preço 120\$00 •



revista portuguesa de numismática e medalhística

# MOEDAS PORTUGUESAS



DE



## FIGURAÇÃO RENASCENTISTA (\*)

por ANTÓNIO MIGUEL TRIGUEIROS

A progressiva desvalorização monetária verificada durante o reinado de D. João III, obrigando à criação de novas moedas e ao consequente abandono das emissões anteriores, irá possibilitar o aparecimento de tipologias monetárias inovadoras, mais adequadas ao carácter piedoso do soberano e às tendências artísticas da época.

Em 1538 proíbe-se o lavramento normal dos grandes *portugueses* de ouro, ao mesmo tempo que se baixa o título da liga dos *cruzados* (400 reais), que desde então passam a ostentar no reverso a invocação «In Hoc Signo Vinctes».

Uma segunda redução da liga do ouro amcledado, verificada em 1544, origina a criação de um novo tipo de cruzado, chamado *calvário* em virtude de representar no reverso

a cruz-insígnia da Inquisição Portuguesa. Na mesma ocasião é criada uma nova espécie monetária, com o valor de 1000 reais, de peso e módulo mais elevados (31 mm), destinada a correr em todos os senhorios portugueses, mas logo enviada para circulação na Índia.

### ESCUDO DE SÃO TOMÉ

Denominada *escudo de S. Tomé* no alvará de 26 de Outubro de 1544 que determinou o seu lavramento, esta nova moeda apresenta gravuras que rompem definitivamente com o arcaísmo das tradicionais figurações monetárias portuguesas. No reverso, a imagem de São Tomé, de pé e envergando largos panejamentos pregueados, à romana, é tratada com tais cuidados na modelação e proporção dos volumes, que não deixa dúvidas sobre a influência renascentista italiana, maneirista, no seu desenho criador. No anverso mantém-se o escudo coroado das armas reais, como mo-

(\*) Texto de introdução à secção de moedas renascentistas do catálogo do núcleo do Museu Nacional de Arte Antiga, da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura (a publicar).







Escudo de São Tomé - 1544





Pardau São Tomé de 1548



tivo central, mas agora prolongado até à bordadura superior.

Foram seus autores o ourives Diogo Álvares, que abriu os cunhos segundo os desenhos de António de Holanda (c 1490-1553) e de seu filho Francisco de Holanda (c 1517-1584), este último considerado como «o mais importante artista da Renascença em Portugal» (Jorge Segurado), arquiteto, pintor, desenhador e escritor humanista.

Trata-se de uma moeda de rara beleza e cuidada arquitectura, em ambas as faces, inovadora na disposição relativa das figurações e legendas, harmoniosa e elegante no seu conjunto, concebida de acordo com as ideias do Renascimento e amoeitada com o ouro indiano dos Descobrimentos.

## DA CIÊNCIA DO DESENHO DAS MOEDAS

São também da autoria dos d'Holanda os desenhos para outras moedas de ouro dos reinados de D. João III e de D. Sebastião, como o próprio Francisco de Holanda nos deixou memória no seu conhecido tratado

*«Da Fabrica Que Falece Há Cidade de Lisboa»* (1571), 2.<sup>a</sup> parte, *«Lembrança Ao muito Sereñissimo e Cristianissimo Rei Don Sebastião: De quanto serve à Ciência do Desenho e Entendimento da Arte da Pintura, na República Cristã assim na Paz como na Guerra»*:

*«De quanto serve a Ciência do Desenho: no serviço Delrei. (...)*

*Pode servir no debuxo das novas moedas em que muito vai e se tem feito grandes erros: mas não pelos debuxos que com muita descrição e cuidado fizemos para os S. Thomas e S. Vicente de ouro eu e o meu Pai. E para outros Pardaús, e o que foi por outra via da Prata e Cobre bem se sabe de todo o Portugal em que parou». (cap. IV)*



**Auto-retrato de Francisco de Holanda (1518?1584) — Final do seu livro: «DE • AETATIBVS • MUDI IMAGINES» (Biblioteca Nacional de Madrid), segundo Jorge Segurado.**

A realização da XVII Exposição Europeia, em 1983, que a Francisco de Holanda dedicou um largo sector, veio permitir uma maior divulgação e conhecimento da obra deste notabilíssimo homem da cultura quinhentista, a quem se devem os desenhos das mais belas moedas portuguesas de sempre.

**À sua memória é dedicado este artigo.**

## PARDAU SÃO TOMÉ

Além do *escudo de São Tomé*, a que já nos referimos e que passa a representar a primeira moeda portuguesa de figuração renascentista, será de atribuir à pena dos dois d'Holanda o desenho dos menos conhecidos *pardaus São Tomé*, moedas de ouro lavradas em Lisboa ou em Goa desde o governo de Garcia de Sá (1548-549), provavelmente com cunhos abertos em Lisboa ou com base nos desenhos enviados de Portugal. (\*)

Moeda de reduzidas dimensões (Ø 18-20 mm), apresenta no reverso a figura do Santo com o mesmo tipo de estilo cuidado, mas agora em posição sentada, solução que se adapta magistralmente ao espaço disponível.

São estes, sem dúvida, os *pardaus* a que Francisco de Holanda se refere e que até hoje não tinham sido identificados pelos estudiosos da sua obra.

(\*) Ver legenda às fotos dos *pardaus São Tomé*: é opinião do autor que os primeiros

lavramentos destes *pardaus* foram feitos na Casa da Moeda de Lisboa, desde 1545 a 1548.



### PARDAU SÃO TOMÉ (Ouro; Ø 18-20 mm; peso 2,5 a 3,4 g.)

Moeda de cunhagem atribuída à Casa da Moeda de Goa, desde 1548-1549 (Damião Peres) ou desde 1545-1548 (Teixeira de Aragão).

A atribuição do desenho destas moedas a António e Francisco d'Holanda, sugere terem sido as mesmas inicialmente cunhadas em Lisboa, desde 1545, à semelhança do ocorrido com o «escudo de São Tomé». Mais tarde, e desde o governo de Garcia de Sá (1548-1549), foram também lavradas em Goa e em Cochim, mas então já sem a perfeição da gravura característica dos abridores de cunhos de Lisboa.



**MEIO SÃO VICENTE (Ouro; Ø 24-25 mm; peso 2,8 g.)**

**SÃO VICENTE (Ouro; Ø 31 mm; peso 7,6 g.)**

**1.º tipo, reinado de D. João III (1555-1557)**

A veneração dos reis de Portugal ao Santo Padroeiro da cidade de Lisboa, que remonta aos primórdios da Nacionalidade, assume particular expressão nos reinados de D. João II e de D. Manuel I, com a construção da famosa Torre de São Vicente A Par de Belém e no reinado de D. João III, com a homenagem da figuração da sua imagem em moeda de ouro, valiosa representação iconográfica do Santo.

A legenda do reverso é formada pelo título conferido por Paulo III ao monarca português introdutor do tribunal da Inquisição em Portugal, «ZELATOR FIDEI» (Zelador da Fé), complementada por «USQUE AD MORTEM» (até à morte). De notar, em particular, o diferente posicionamento do início das legendas: no reverso, em baixo junto ao exergo; no anverso, apenas orlando o escudo real.

São conhecidas diversas variantes de gravura, algumas das quais estão acima reproduzidas, nomeadamente: nau de 2 ou 3 mastros e diferentes formatos; adornos da dalmática, gola, manga e cordão; legendas do anverso e reverso.



## SÃO VICENTES

Mais conhecidos e admirados, porque mais abundantes, os *São Vicente* e *meio São Vicente* de ouro, lavrados desde 1555 até 1560 na valia de 1000 e 500 reais, respectivamente, apresentam-nos dois tipos bem distintos da imagem do Santo Padroeiro da cidade de Lisboa.

No primeiro, a que correspondem as amoedações do reinado de D. João III, a figura erecta de São Vicente, envergando dalmática e portando os seus atributos (palma de martírio e nau portuguesa), tem inegáveis simili-



tudes de traço e de composição com as do São Tomé de 1544, muito embora figure, no anverso, um escudo real de desproporcionadas dimensões, em desacordo com a harmonia estética conseguida na moeda anterior. De notar, ainda, na moeda de *meio São Vicente* (Ø 24 mm), a representação do Santo de meio corpo, singularmente bem adaptada ao valor nominal desta espécie.

Falecido António de Holanda cerca de 1555-1556, as figurações monetárias dos *São Vicente* lavrados no reinado de D. Sebastião, de 1558 a 1560, e a que corresponde um segundo tipo bem diferenciado, são de atribuir exclusivamente ao desenho de Francisco de Holanda.

Apesar de ter sido mantida a imagem de corpo inteiro, a supressão do exergo e dos pés (nos 1000 reais) permitiu a criação de uma figura de maiores dimensões (ocupa mais de metade do campo da moeda, contra um terço nas anteriores) e riqueza de pormenores, que se adivinham na perfeita representação da cabeça, da nau e nos adornos da dalmática (gola larga, borlas e franjas).

Mais notável ainda é o movimento impresso ao corpo do Santo, olhos postos no céu, cotovelo direito bem recuado, tronco inclinado à esquerda e panejamentos pregueados, inferiores, inclinados à direita, numa delicada harmonia sinusoidal, sem comparação nem continuidade na gravura numismática portuguesa, exemplar demonstração da criatividade artística de Francisco de Holanda e da sua ciência do desenho ao serviço das moedas del'rei.

## Bibliografia

- BOTURÃO, J. O — *São Vicente — O Padroeiro da Cidade de Lisboa*. Revista Municipal da CML, Lisboa, 1967.
- PERES, D. — *História Monetária de D. João III*. Lisboa, 1957.
- *Catálogo das Moedas Indo-Portuguesas do Museu Numismático Português*. Lisboa, 1963, Vol. I.

- SEGURADO, J. — *Francisco d'Ollanda*. Lisboa, 1970.



*São Vicentes desenhados em 1558 por Francisco de Holanda para D. Sebastião, com uma nova dinâmica da figura do Santo*





## MEIO SÃO VICENTE — SÃO VICENTE

2.º tipo, reinado de D. Sebastião (1558-1559)

Este segundo tipo de São Vicente, além de apresentar uma diferente gravura da imagem do Santo, com grande riqueza de pormenores, tem ainda a particularidade de se regressar, no anverso, à clássica solução de legenda fechada, envolvendo por completo as armas reais. No reverso, a legenda tem início na parte superior.

São conhecidas moedas com e sem marcas monetárias ladeando o escudo das armas nacionais, bem como diversas variantes de gravura da imagem do Santo.



Apesar dos primorosos desenhos de António e Francisco de Holanda, a perícia do abridor de cunhos era essencial à sua correcta interpretação e gravação no metal, como se pode comprovar nestes exemplares lavrados na Casa da Moeda do Porto e que ostentam figuras de São Vicente deformadas e grotescas, pálidas imagens da harmoniosa composição desses grandes artistas renascentistas.



### SÃO VICENTE — 3.º tipo, reinado de D. Sebastião I (1559-1560)

No anverso as armas do reino são flanqueadas por duas setas, alusão à relíquia do mártir S. Sebastião, presenteada ao soberano português pelo Papa Gregório XIII.

Em Janeiro de 1560 foi interrompida a cunhagem dos São Vicente e meio São Vicente e estas últimas substituídas por uma nova moeda de 500 reais, ostentando a Cruz de Cristo no reverso.

Não teve continuidade, nem discípulos, a ciência do desenho de moedas advogada por Francisco de Holanda.

Perdida a ideia renascentista, a moeda portuguesa regressa às figurações meramente simbólicas, numa monótona uniformidade que só será quebrada no reinado de D. João V.